

PERSPECTIVAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM NA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE NA BACIA HIDROGRÁFICA DO DOURO: BREVES APONTAMENTOS.

Vieira, Alexandra

*Aluna de Doutoramento em Arqueologia na Fac. de Letras da Univ. do Porto; membro do CEAUCP/CAM
Docente da E.S.T.G.M. – Instituto Politécnico de Bragança; alexandra.vieira@gmail.com*

RESUMEN

El trabajo en transcurso trata sobre la construcción del paisaje de la Prehistoria Reciente en la Cuenca Hidrográfica del río Duero, en territorio portugués. A partir de la creación de una base de datos, se procede a la experimentación de diversos modelos explicativos acerca de los procesos de construcción de paisaje.

Gracias al inventariado sistemático de esta área de estudio y de su respectiva cartografía, pensamos que será posible sistematizar distintos modos de construcción de paisaje a lo largo del periodo considerado.

En esta comunicación se pretende abordar estas cuestiones en el sentido de intentar entender de que forma es visible la materialización de la ocupación de comunidades en un territorio determinado. Sabemos que existe una gran variabilidad a nivel de restos arqueológicos de la Prehistoria Reciente. ¿Cuál es la tipología de estos sitios?

ABSTRACT

The present work is based on the construction of landscapes from mid 6th to the 3rd millennium BC of the Douro basin, in Portugal. The aim is to develop a database about the archaeological sites belonging to the chronology previously mentioned in order to question diverse interpretative models.

As result of the systematic catalogue of sites located on this area of study and the observation of its cartography, it will be possible to systematize different forms of constructing landscapes throughout this period.

In this article, these questions will be considered, in order to understand in which ways the materialization of communities inhabiting a specific area usually appears. There is great variability of archaeological traces; what is the typology of these places?

Palabras Clave: *Bacia Hidrográfica do Douro; Prehistoria Reciente; Problemáticas actuais*
Keywords: *Bacia Hidrográfica do Douro; 6th to 3rd millennium BC; Recent discussions*

1.- Introdução.

O trabalho que nos encontramos a desenvolver versa sobre a construção da paisagem, na Pré-História Recente da Bacia Hidrográfica do Douro. Um dos nossos objectivos passa por criar uma base de dados de sítios da Pré-História Recente, a partir da qual se poderá proceder à experimentação dos diversos modelos explicativos dos processos de construção de paisagens. Do ponto de vista cronológico, pretendemos abarcar o período que medeia entre a segunda metade do VI^o milénio e o III^o milénio a.C.: Neolítico inicial; Neolítico médio-final e Calcolítico.

É neste universo que se pretende (num futuro próximo e que extravasa os objectivos desta comunicação) avançar com hipóteses explicativas sobre a construção da paisagem entre o VI^o e o III^o milénios a.C., nesta região. Sabemos também que só partindo da inventariação de forma sistemática desta área de estudo e da sua respectiva cartografia, será possível determinar afinidades ou não, das formas de construção da(s) paisagem(s) destas comu-

nidades. Deste modo, nesta comunicação iremos apenas tentar sistematizar o modo como se tem procedido à problematização da materialização da “*passagem*” de uma comunidade num determinado território. Sabemos que existe alguma variabilidade ao nível dos “sítios” da Pré-História Recente. Que tipo de sítios são esses?

Num primeiro momento, a área objecto de estudo contemplava, em termos administrativos, a região de Trás-os-Montes e Alto Douro e parte da Beira Alta (Portugal). No entanto, a definição deste tipo de limites e fronteiras administrativas, no âmbito de um trabalho desta natureza, levantou uma série de questões. Refira-se, por exemplo, o facto de estarmos a excluir uma das áreas mais bem estudadas da Pré-História Recente da Bacia Hidrográfica do Douro: a Serra da Aboboreira. Esta última foi palco de investigações sistemáticas e exaustivas durante vinte anos. Assim, na tentativa de resolver esta situação, ampliamos, no decorrer dos últimos meses, a área de investigação integrando actualmente toda a bacia hidrográfica do rio Douro em

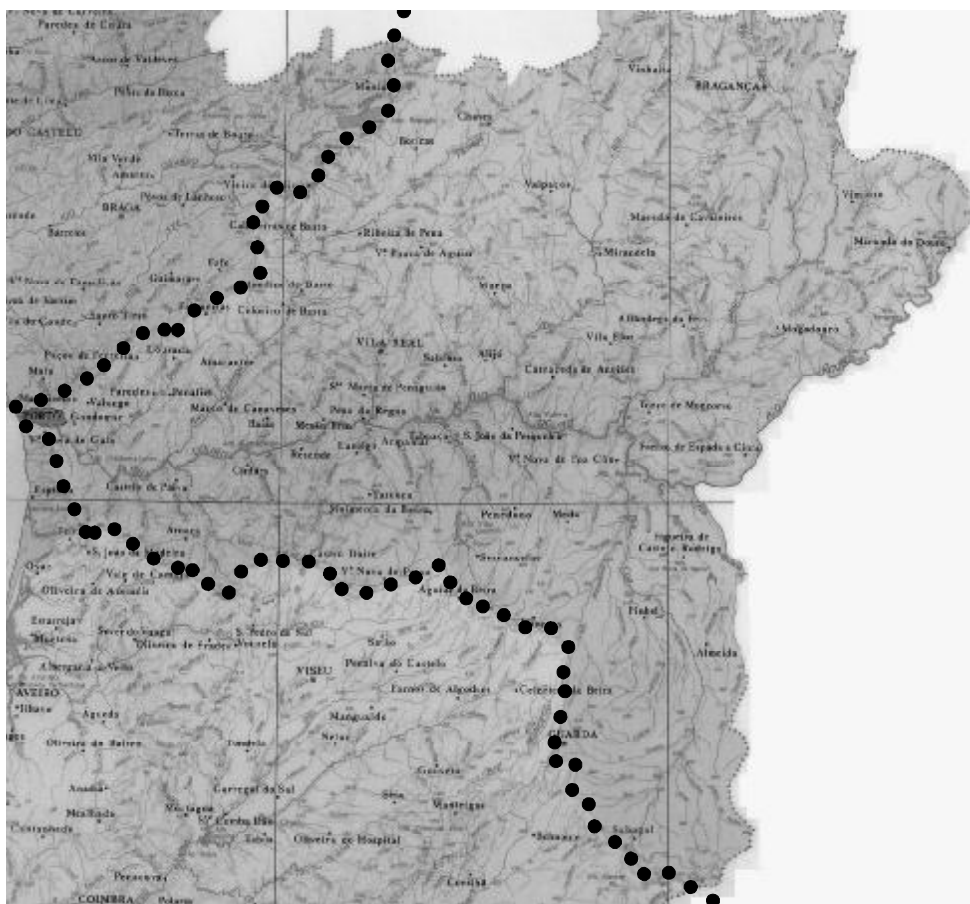


Fig. 1: Bacia Hidrográfica do Douro.

território português.

A referida área tem sido objecto de alguns projectos de pesquisa organizados por investigadores da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Coimbra. Destacam-se os trabalhos de Susana Oliveira Jorge; Vítor Oliveira Jorge; Maria de Jesus Sanches; Domingos Cruz; Huet Bacelar; Susana Andreia Nunes, entre outros. Salientam-se também os trabalhos realizados pelo Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC), pelo Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART) e algumas iniciativas desenvolvidas por arqueólogos ligados às autarquias. Porém, muito do nosso conhecimento actual cinge-se a achados ocasionais, a prospecções - em alguns locais realizadas de forma sistemática mas, em geral, pontuais, - e, em alguns casos, a escavações arqueológicas.

▪ A Bacia Hidrográfica do Douro

O Rio Douro é o rio mais caudaloso e com bacia hidrográfica mais extensa da Península Ibérica. Nasce em Espanha, na província de Sória, na Sierra de Urbión, a 2.080 metros de altitude.

A parte espanhola da bacia corresponde à

grande unidade natural da Meseta Norte, entre os Montes Cantábricos, a Serra de Urbion onde nasce o rio, e a Cordilheira Central. Acompanha o nível de aplanamento da Meseta durante cerca de 400 km, correndo com um declive suave. (Daveau, 1995: 64)

A partir da confluência com o Esla, o Douro deixa de correr ao nível da superfície de aplanamento da Meseta e vai escavando a “vigorosa paisagem de erosão”, que caracteriza a bacia em Portugal. (Ribeiro e Lautensach, 1988: 505)

A bacia hidrográfica do Douro tem uma superfície de 98 160 km², localizando-se 81% em Espanha e 19% em Portugal. O seu curso tem o comprimento total de 850 km., dos quais 213 km em território nacional. Ao longo de 112 km constitui fronteira natural entre Portugal e Espanha. A sua altitude média é de 700 metros.¹

Os principais afluentes do Douro em território português são na sua margem norte: Ferreira, Sousa, Tâmega, Corgo, Tua, Sabor; e na margem sul: Paiva, Távora, Côa e Águeda.

A Bacia Hidrográfica do Douro é composta pelas seguintes unidades de paisagem: Entre-Douro

e Minho; Montanhas do Norte da Beira e do Douro; Planaltos da Beira Alta; Planaltos e montanhas de Trás-os-Montes; Planaltos e montanhas da Beira Transmontana; Alto Douro e depressões anexas. (Daveau, 1995: 98) Encontramos uma área retalhada por sub-regiões ou unidades que traduzem realidades morfológicas e ecológicas diferentes.

▪ A Base de Dados e a metodologia utilizada

Optamos por construir a base de dados tendo como ponto de partida a Base de Dados do ex-Instituto Português de Arqueologia (IPA) que, actualmente, toma a designação de IGESPAR². O antigo IPA possui na sua página da Internet uma Base de Dados³ de sítios arqueológicos, que resulta da revisão da bibliografia arqueológica existente e dos resultados dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no país, desde os finais da década de noventa do século passado. Desta conjugação de esforços resulta um conjunto de dados (desde a localização administrativa de um determinado sítio arqueológico, ao seu período cronológico, tipo de sítio, descrição e referências bibliográficas), que se encontram disponíveis a todos os investigadores (tanto nacionais como estrangeiros). Desta forma, optamos por seleccionar todas as fichas referentes ao período de tempo que estamos a estudar e às unidades geográficas, neste caso os concelhos, que se integram na nossa área de análise.

Gostaríamos de referir que apesar de constituírem um bom ponto de partida, a maior parte das fichas, por conter apenas uma descrição muito sumária dos sítios, necessitam de ser revistas, actualizadas e enriquecidas com outros dados. A partir destas fichas, estamos a rever todos os dados referentes a estes sítios arqueológicos⁴, ou seja, estamos a fazer a revisão bibliográfica da região portuguesa em análise.

2.- **Problemáticas actuais.**

Em virtude do nosso processo de investigação estar ainda em curso, e não ser possível apresentar a informação revista, sistematizada e cartografada, optamos por expor de forma sumária um conjunto de problemáticas referentes à Pré-História Recente da Bacia Hidrográfica do Douro. A definição dessas problemáticas corresponde à síntese das principais questões sugeridas na bibliografia consultada.

▪ A “neolitização” (VIº e Vº milénio a.C.)

A “neolitização” do território português é ainda uma questão em aberto no panorama da arqueologia portuguesa. No que concerne à área geográfica em análise, os vestígios encontrados são escas-

os e insuficientes para a definição de um quadro regional do processo de “neolitização”. As estações conhecidas para esta cronologia remetem para uma variabilidade de fenómenos, pelo que se torna difícil caracterizar o estabelecimento do sistema produtor na bacia do Douro. O “pacote neolítico” não serve de modelo explicativo para os dados actualmente disponíveis, pelo contrário, o que a comparação entre as diferentes estações conhecidas nos alerta é para diferentes estratégias de aquisição das inovações relacionadas com a “domesticação” de animais e plantas, cerâmica e pedra polida (S. O. Jorge, 2000: 75).

Os sítios arqueológicos que remontam ao Neolítico inicial encontram-se situados em três regiões distintas da Bacia Hidrográfica do Douro (Sanches, 2003: 155):

- Serra da Aboboreira (Douro Litoral): Lavra I;
- Serra de Passos (Trás-os-Montes): Buraco da Pala IV;
- Área de Vila Nova de Foz Côa (Alto Douro): o abrigo da Fraga d'Aia (S. João da Pesqueira) e os habitats do Prazo, Quebradas e Quinta da Torrinhã (Vila Nova de Foz Côa).

De uma forma muito sucinta, passamos a enunciar as principais características deste conjunto de sítios:

- O povoado da Lavra I, datado de entre meados do VIº e meados do Vº milénio a.C., e cujos materiais arqueológicos se espalhavam por uma área de cerca de 400 m², terá sido um *povoado de curta duração ou mesmo sazonal* devido precisamente à fraca quantidade de material arqueológico disperso por uma tão grande área. No seu conjunto, este e outros *habitats* similares documentam o primeiro povoamento da Serra da Aboboreira, certamente anterior à criação da necrópole megalítica, materializado em *sítios de ocupação sazonal ou de ocupação permanente de curta duração*. (Sanches, 2003: 164/167);
- O nível IV do abrigo do Buraco da Pala terá sido ocupado entre o início do Vº e o 3º quartel, do IVº milénio a.C., tratando-se de um habitat protegido, na zona da entrada e nas zonas laterais, por estruturas feitas de materiais perecíveis - madeira e/ou couro - de que se identificaram vários buracos de poste. Foram encontradas, igualmente, várias lareiras situadas a diferentes cotas e distribuídas por toda a camada. Existem vestígios de práticas agrícolas e recolectoras; do ponto de vista artefactual, destaca-se uma indústria lítica microlítica diversificada, recipientes cerâmicos lisos e decorados de pequena capacidade, uma co-

lher, moinhos, e ainda uma pequena enxó (Sanches, 2003: 167);

- A Fraga d'Aia é um abrigo com arte semi-esquemática que possui vestígios de uma possível ocupação do local, sazonal ou periódica, entre a 2ª metade do VIº e o início do IVº milénio a.C. (Sanches, 2003: 169) atestada pela presença de uma grande quantidade de moinhos, enxós, indústria lítica em quartzo, cerâmica lisa e decorada com motivos semelhantes a outros contextos do Neolítico inicial;
- A estação do Prazo apresenta uma sequência estratigráfica, entre o Paleolítico Superior e o Neolítico, sem aparentes descontinuidades de ocupação entre o VIIIº e Vº milénios a. C.; *permite sustentar uma hipótese de modelo de ocupação do espaço que sugere uma continuidade cultural na micro-região em que a estação se insere.* (S. O. Jorge, 2003: 1428) A ocupação neolítica terá tido início na 2ª metade do VIº milénio a.C., e ter-se-á prolongado, provavelmente, até meados do IVº milénio a.C., onde foram exumadas cerâmicas lisas e decoradas, pertencentes a recipientes pequenos, alguns machados de reduzidas dimensões, moinhos (moventes e dormentes) e uma indústria lítica talhada, de cariz microlítico (objectos em quartzo, quartzite, sílica opalina e sílex) (Monteiro-Rodrigues, 2000: 153);
- Prazo, Quebradas e Quinta da Torrinha são habitats de ar livre, embora só no Prazo tenham sido detectados estruturas habitacionais. (Sanches, 2003: 169).

Retomando o que afirmávamos anteriormente acerca do estado da pesquisa relativamente à neolitização desta região, é de salientar os seguintes aspectos:

- O Buraco da Pala IV é o único contexto datado do Neolítico inicial (finais do VIº/inícios do Vº milénio a.C.) que oferece uma prova directa da prática da agricultura – foi encontrado trigo no seu nível mais antigo, todos os restantes contextos fornecem apenas provas indirectas;
- Na análise da componente artefactual lítica destas estações é de destacar a continuidade, relativamente ao talhe, com os períodos anteriores (a estação do Prazo é de grande importância para o conhecimento deste aspecto);
- Quanto à implantação dos sítios, encontramos sítios de ar livre e abrigos sob rocha, situados a diferentes altitudes e que se implantam em diferentes ecossistemas – áreas de montanha, de plateau e de vale –, onde não parecem obedecer a nenhum padrão de implantação específico, mas sim atestar a existência de um ele-

vado grau de mobilidade por parte destas comunidades (Sanches, 2003: 172);

MJ Sanches (1997: 145) propõe a seguinte tipificação dos sítios conhecidos: *sítios de carácter doméstico* (habitats) mas com estruturas habitacionais pouco duráveis e em muitos casos mal documentados; *sítios de carácter ritual* (com iconografia) e num caso com alguns indicadores de actividades domésticas (Fraga d'Aia); e, por último, *sítios de carácter ritual/funerário*, com estruturas de construções duráveis – monumentos sob *tumuli*, ou somente *tumuli*. Este último tipo será abordado no ponto seguinte.

■ Os enterramentos do Vº/IVº milénios a. C.: a problemática do “megalitismo”

No geral, o Neolítico médio-final caracteriza-se pela afirmação dum fenómeno sepulcral de tipo monumental que certamente polarizou as identidades das primeiras comunidades agro-pastoris. (S. O. Jorge, 2003: 1430)

V. O. Jorge introduziu, com os seus trabalhos sobre o “megalitismo” do Norte de Portugal, nomeadamente com a sua experiência na Serra da Aboboreira, uma série de questões quanto ao “polimorfismo” dos sepulcros sob *tumulus* (Jorge, V.O., 1983-84: 37). Concluiu que em cada fase de utilização da necrópole poderiam ter sido edificadas, lado a lado, monumentos com grandeza, concepção arquitectónica e fins diversos, o que pode implicar a coexistência num determinado momento de “monumentos megalíticos” e “não megalíticos”. Por exemplo, a par de sepulcros clássicos poderiam ocorrer também fossas sob *tumulus*. Este polimorfismo presente nas necrópoles neolíticas levou a uma mudança de nomenclatura em muitos trabalhos de investigação actuais. Em regra, passou-se a falar de monumentos sob *tumulus* (ou mamoa). (S. O. Jorge, 2003: 1437)

Os *tumulus* ou mamoa são construções arquitectónicas constituídas por um montículo bem estruturado de terra e pedras (Sanches, 1999: 54/55) ou podem também ser descritos como “*colinas artificiais de terra e pedras*” (S. O. Jorge, 1990b: 131). As arquitecturas tumulares são tipologicamente diversas – sob os *tumulus* podem incluir-se quer arquitecturas megalíticas (dólmenes simples ou dólmenes de corredor), quer fossas, ou outro tipo de estruturas muito frágeis, casos confirmados quer na necrópole da Serra da Aboboreira, quer no Planalto Mirandês. (S. O. Jorge, 2003: 1429)

Relativamente a esta diversidade de sítios arqueológicos relacionados com o “mundo dos enterramentos” devem ser retidos os seguintes pontos:

- Em meados do V^o milénio a.C. são construídos os primeiros monumentos sepulcrais em várias regiões do território português. Predominam as câmaras cistóides fechadas sob *tumulus*, contendo inumações individuais (S. O. Jorge, 2000: 83);
- Ao longo da 2^a metade/final do V^o milénio a.C. (neolítico médio-final), regista-se a existência de necrópoles de sepulcros sob *tumulus* e, em certas zonas, de alguns menires ou cromleques. Estes sepulcros (por vezes de grandes dimensões) passam a acolher inumações alargadas ou colectivas, (...) *noutras regiões, ocorrem apenas câmaras funerárias simples, fechadas ou abertas, sob tumulus (por ex., no Norte, Outeiro de Ante I, na Serra da Aboboreira), ou câmaras de corredor curto ou longo (bem ou pouco diferenciado)*. (S. O. Jorge, 2000: 84);
- Durante a passagem do V^o para o IV^o milénio a.C. e ao longo da 1^a metade do IV^o milénio a.C. (Neolítico final) generalizam-se os sepulcros de corredor com átrio. (S. O. Jorge, 2000: 84) Por vezes ocorrem, nas mesmas regiões, outros monumentos cuja natureza arquitectónica é diferente: fossas funerárias e/ou “rituais” sob *tumulus* (no Norte de Portugal).

Foram intervencionadas de forma mais sistemática algumas áreas da bacia hidrográfica do Douro⁵: a bacia do Ovil (concelho de Baião), as bacias do Tâmega e do Corgo (Concelhos de Chaves/Vila Pouca de Aguiar); Planalto Mirandês (concelhos de Mogadouro, Miranda do Douro e Vimioso); bacia de Mirandela. (S. O. Jorge, 1990b: 144)

A área paradigmática para a compreensão deste fenómeno tumular é, como já foi referido, a Serra da Aboboreira. O seu estudo exaustivo, realizado ao longo de vinte anos, foi fundamental para se compreender a construção desta paisagem durante três milénios (S. O. Jorge, 2000: 87/88). Investiu-se no estudo integral de cada monumento (análise das arquitecturas pétreas e das “mamoas”) e ainda na escavação (total ou parcial) de todos os sepulcros da necrópole. De referir que num conjunto de 37 monumentos sob *tumulus* conhecidos, foram escavados 33. (V. O. Jorge, 1991: 93)

A necrópole teve início em meados do V^o milénio a.C. (Neolítico médio) e o seu fim na primeira metade do II^o milénio a.C. (Bronze Antigo), revelando uma diacronia relativamente longa. Os primeiros sepulcros - monumentos isolados, no topo da serra - constituídos por pequenas câmaras pequenas, fechadas, sob *tumulus*, ocorrem ao longo da 2^a metade do V^o milénio. Estes sepulcros vão sobreviver na paisagem desde o V^o milénio até meados do IV^o milénio. a.C., período durante o qual,

em áreas contíguas, foram construídos sepulcros com câmaras maiores mas fechadas; com câmaras maiores, abertas; uma câmara poligonal com corredor (Chã de Parada 1). (S. O. Jorge, 2000: 87/88)

Os primeiros monumentos (Neolítico médio-final) eram mais destacados na paisagem do que os sepulcros baixos do II^o milénio a.C. que surgiam dissimulados entre os monumentos mais antigos e blocos graníticos. (S. O. Jorge, 2002: 1436/1437). Notou-se, em particular, na Serra da Aboboreira, que o aumento da necrópole se dava com a construção dos novos monumentos em torno de antigos núcleos de mamoas por um *processo de adição*. V. O. Jorge designou este processo de *necropolização* (S. O. Jorge, 1990b: 146/148). Por vezes, deu-se a reutilização em alguns monumentos sob *tumulus* abertos (câmaras simples ou câmaras com corredor), onde ocorre, sobretudo nos dólmenes de corredor, uma “arte” esquemática, *acentuadamente específica destes sepulcros*. (S. O. Jorge, 2002: 1429)

Na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, nomeadamente no Tua/Bacia de Mirandela; nos Planaltos de Carrazeda; na zona de Madorras/ Alijó/Pópulo (Alijó/Murça); em Sabrosa; no Planalto de Miranda-Mogadouro e no Alvão foram identificados conjuntos de monumentos que remetem para um fenómeno de *necropolização* semelhante ao da Serra da Aboboreira. Além deste conjuntos, nestas áreas ocorrem também monumentos aparentemente isolados. (Sanches, 1999: 54/55)

Também aqui é notório o polimorfismo deste tipo de construções sob *tumulus*, que podem albergar outras estruturas de enterramento, como fossas forradas de lajes ou pedras no seu interior, presentes na Mamoa 2 de Pena do Mocho (Sanhoane), e a mamoa do Barreiro (Vilar de Rei) ambas em Mogadouro. Um outro exemplo desta diversidade tumular está patente na mamoa 3 de Pena Mosqueira, também em Sanhoane – Mogadouro, que continha enterramentos feitos directamente sobre o solo e cobertos de ocre.

A arte no interior dos monumentos sob *tumulus* também é bem conhecida nesta região, estando presentes a pintura e a gravura nos dólmenes de Vilarinho da Castanheira (Carrazeda de Ansiães), de Arca (Abreiro-Mirandela), da Fonte Coberta da chã de Alijó (Alijó), de Madorras I (Sabrosa) ou de Arca n.º 7 (Murça). (Sanches, 1999: 54/55)

▪ Os povoados do IV^o e III^o milénio a.C.

“No final do IV^o e durante o III milénio (...) regista-se uma relativa densidade de estações arqueológicas, sobretudo de povoados que consideramos de ocupação permanente.” (Sanches, 2000: 127)

Uma das perguntas que se coloca quando se

estudam os monumentos sob *tumulus* abordados no ponto anterior, prende-se com a sua associação a povoados; onde se encontram e que características apresentam os povoados correspondentes a estes túmulos durante o IV^o milénio a.C.? (S. O. Jorge, 1990b: 149) A opinião de vários autores converge para a possibilidade *destes primeiros habitats, naturalmente frágeis, se terem implantado nas proximidades dos sepulcros*. Esta possibilidade resulta da análise de um conjunto de vestígios arqueológicos detectados perto ou mesmo sob os sepulcros, tais como a presença de um alto teor de fosfatos, buracos de poste e materiais domésticos em solos enterrados sob alguns monumentos, assim como de elementos de moinhos manuais reaproveitados como material de construção nas couraças pétreas das mamoas ou nos contrafortes em redor das câmaras. (S. O. Jorge, 1990b: 149)

Durante o Neolítico final aparecem em várias áreas do Norte de Portugal, “povoados sedentários” de ar livre ou em gruta/abrigo sob rocha (S. O. Jorge, 1990b: 155). Para além dos sepulcros sob *tumulus*, foram identificados outros contextos arqueológicos para o final do IV^o milénio a.C., tais como os vulgarmente denominados de “*povoados abertos, sedentários*”: Vinha da Soutilha (Chaves); Castelo de Aguiar I (Vila Pouca de Aguiar) e Barrocal Alto (Planalto Mirandês), assim como, “*ocupações mais ou menos efémeras*”, como no abrigo do Buraco da Pala III/II (Mirandela). (S. O. Jorge, 2003: 1429)

Existe uma grande diversidade de sítios implantados em diferentes ecologias (de vale, de serra ou montanha) adaptados aos solos e às condições específicas de cada área. (S. O. Jorge, 2000: 94) Os povoados de ar livre são descritos como sendo constituídos por pequenas cabanas de troncos e ramos, calafetadas de barro, acantonadas e apoiadas nos penedos, localizando-se em encostas soalheiras, repletas de penedos graníticos. O povoado do Prazo documenta este período mais antigo e os povoados de Barrocal Alto (Peredo-Mogadouro) e Vinha da Soutilha (Mairos-Chaves), mostram como se desenvolveram estes sítios. (Sanches, 1999: 54)

No III^o milénio a.C. o território de Trás-os-Montes e Alto Douro aparece marcado por “povoados permanentes”, mas ainda quase todos constituídos por aglomerados de cabanas feitas de materiais perecíveis, por vezes já rodeadas de pequenos muros. (Sanches, 1999: 56/57)

Na região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar, as escavações realizadas nos povoados de Pastoria, S. Lourenço ou Castelo de Aguiar, indicam-nos que estes sítios continham ainda estruturas habitacionais relativamente frágeis, à base de cabanas delimitadas por postes de madeira e revestidas com barro, podendo ser cobertas de ramagens. (S. O. Jorge, 1990b: 201) Outros povoados deste âmbito

podem ser assinalados como o do Cunho e do Barrocal Alto (Peredo da Bemposta-Mogadouro), o de Penas Roías (Mogadouro), Raio (Miranda do Douro) e de Cemitério dos Mouros (Mirandela), entre outros. Destaquemos, mais uma vez, o Buraco da Pala (Mirandela), que foi desde, pelo menos, os meados do III^o milénio a.C., utilizado por populações que albergaram *em silos centenas de sementes de trigo e cevada* (S. O. Jorge, 1990b: 157), sendo um sítio único na Bacia Hidrográfica do Douro.

Apesar da grande variabilidade habitacional, encontramos, pela primeira vez, de forma inequívoca, provas directas (e indirectas) do domínio do sistema produtor. (S. O. Jorge, 2000: 85)

A economia intensifica-se de forma a aumentar e diversificar a produção, e isso é visível através dos vestígios arqueológicos encontrados em muitos destes sítios. Exemplo disso é a diversificação:

- de produtos cultivados – trigo, cevada, aveia, fava, ervilha, lentilha, linho, papoila e milho miúdo (este já no final deste período);
- do tipo de animais que passam a fazer parte integrante da vida destas populações: ovelhas, cabras, porcos e bois, o que indica um certo grau de intensificação na actividade pastoril e transformadora (fabrico de derivados de leite, de tecido, etc.);
- das actividades transformadoras. Encontra-se documentado, em vários povoados, o fabrico de queijo (através de cinchos), a tecelagem da lã e do linho (pesos de tear e objectos para torcer fios), a cestaria, a moagem (moinhos de granito e de quartzito), a panificação, o fabrico de instrumentos “de pedra polida e talhada” e mesmo a metalurgia do cobre. (Sanches, 1999: 56/57)

▪ Os recintos monumentais do 3^o milénio a. C.: problemáticas em aberto

A noção de “recinto murado”, “recinto monumental” ou ainda “lugar monumentalizado” surge na sequência duma discussão sobre a operacionalidade do conceito de “povoado fortificado” no Calcolítico peninsular. (S. O. Jorge, 2003: 1431)

Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) foi a primeira estação deste tipo a ser escavada na região em estudo. Quando em 1989, Susana Oliveira Jorge abordou pela primeira vez este sítio, assumiu tacitamente uma “*perspectiva dicotómica*” que colocava, dum lado “povoados” e, do outro “necrópoles” e “espaços rituais” (recintos de menires/estelas e santuários de arte rupestre).

O sítio foi interpretado num primeiro momento como "povoado fortificado" (S. O. Jorge, 2003: 1437). Porém, em 1994, a autora analisando 69 sítios deste género na Península Ibérica, constata *um universo carente de homogeneidade*, onde a maioria dos ditos "povoados fortificados" não apresentava óbvios sistemas de defesa e onde se encontravam vestígios de actividades diversas, *dificilmente enquadráveis em acções de natureza exclusivamente "quotidiana", ritual" e/ou "sepulcral"*. (S. O. Jorge, 2003: 1438).

No âmbito desta reflexão, este tipo de sítios passam a ser interpretados como *recintos multifuncionais* onde coexistem diversos contextos rituais que, na prática, subvertem a tradicional dicotomia entre "espaços domésticos/espaços sepulcrais-rituais" (S. O. Jorge, 2000: 97).

Quando falamos de recintos monumentais entende-se que os recintos, enquanto arquitecturas construídas, são espaços que delimitam fisicamente áreas interiores, estabelecendo uma fronteira, real e/ou simbólica, entre um "dentro" e um "fora". (S. O. Jorge, 2003: 13) A designação "monumental" destes sítios prende-se não só com a sua implantação na paisagem, constituindo pontos para serem vistos e para ver a paisagem, como também dado o papel que teriam desempenhado enquanto locais de memória associados a diferentes estratégias identitárias.

Num primeiro grupo contemplam-se recintos fechados, na medida em que a sua delimitação se faz por muros basais de pedra e paredes de ramos, terra e argila, por fossos e/ou valados e, eventualmente, pela combinação de alguns destes elementos arquitectónicos entre si e que condicionam o acesso a uma área "interior". Na Península Ibérica, os recintos fechados apresentam uma cronologia variável entre o IV^o e o II^o milénios a.C. Incluem-se neste grupo sítios como Castro Palheiros (Murça), Castelo Velho de Freixo de Numão e Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa)⁶. Constituem *recintos murados*, localizados no alto de colinas ou morros, aproveitando ou não fragas bem destacadas na paisagem, rodeados por taludes e plataformas monumentais. (S. O. Jorge, 2003: 15)

Um segundo grupo corresponde a recintos abertos que se distinguem por facilitarem um estreito contacto visual com o exterior. Os cromeleques (recintos delineados por menires) ou recintos delimitados por estátuas-menires/estelas arrancam, alguns deles, no V^o milénio a.C., e prolongam-se em certos casos até ao III^o milénio a.C. (S. O. Jorge, 2003: 15)

Em relação aos recintos de estelas, apenas é conhecido o Cabeça da Mina (Vila Flor) que embora possa ter sido concebido no IV^o milénio a.C., poderá ter continuado em utilização ao longo do

III^o milénio a.C. Ergue-se num vale extremamente fértil, sobre um morro que se destaca na paisagem. No topo terá existido um recinto com pequenas estelas e estátuas-menires em granito e xisto. Estas estelas são pequenos monólitos, nos quais, em alguns casos, foram feitas gravações de motivos anatómicos (olhos, nariz, boca e, eventualmente, pernas e/ou sexo) e de motivos complementares (cintos, insígnias (?), colares, etc.), nos quais predomina um grande esquematismo e onde estão ausentes as armas (S. O. Jorge, 2003: 1432).

Quanto a recintos delimitados por estruturas em negativo, valados ou fossos, não existe referência à sua ocorrência na área em estudo.

▪ Os Enterramentos do III^o milénio a.C.

Os enterramentos calcolíticos acusam uma grande diversidade e complexidade ritual, em todas as regiões. Aparecem em necrópoles pré-existent, ocorrem em novos contextos (recintos plurifuncionais) ou surgem apenas isolados.

Entre os finais do IV^o milénio a.C. e meados do III^o milénio a.C., em traços gerais, observam-se as seguintes características ao nível dos enterramentos:

- Começamos por referir a estrutura com ossos humanos no sítio de Castelo Velho. Nela tinham sido depositados ossos de vários indivíduos em associação com pesos de tear, fragmentos de vasos cerâmicos e fauna. Trata-se dum contexto funerário completamente novo, alheio ao padrão de tumulação do Neolítico médio-final: encontrava-se no interior de um recinto monumental multifuncional e era constituído por uma estrutura pétreo dissimulada com pequenas pedras. (S. O. Jorge, 2003: 1432)
- Surgem pequenas cistas sob *tumulus* ou cistas planas. (S. O. Jorge, 2000: 88/89) Junto ao rio Douro, em Vale da Cerva, são conhecidas cistas sem *tumulus*, contendo inumações primárias individuais, associadas a um espólio escasso. Recentes datações absolutas propõem uma genérica contemporaneidade destas cistas com a estrutura com ossos humanos de Castelo Velho. (S. O. Jorge, 2003: 1432)
- São reutilizadas também grutas naturais, como, por exemplo, os enterramentos atribuíveis a este período cronológico nas grutas de Ferreiros (Silva-Miranda do Douro) e Gruta ou Lorga de Dine (Dine-Vinhais). (Sanches, 1999: 56/57)
- Aproveitam-se sepulcros anteriores. Durante a segunda metade do III^o milénio a.C. tradicionais monumentos sob *tumulus*, nomeadamente os de corredor, terão continuado a ser reutili-

zados. Na serra da Aboboreira, existem indícios de que alguns monumentos mais imponentes terão continuado em funções, como acontece, no dólmen de corredor de Chã de parada 1, que terá sido utilizado até, pelo menos, aos finais do IIIº/inícios do IIº milénio a.C. (S. O. Jorge, 1990b: 197)

▪ A Arte Rupestre.

De meados do VIº milénio a meados do Vº milénio a.C. conhecem-se no interior do território português vários sítios de arte rupestre com motivos pintados e/ou gravados (antropomorfos e zoomorfos “esquemáticos”). Ocorrem em rochas ao ar livre, nos vales dos rios Tejo e Douro e alguns dos seus afluentes. Podem ainda surgir em abrigos sob-rocha. (S. O. Jorge, 2000: 78)

Destacamos os seguintes sítios arqueológicos onde foi detectada arte rupestre do Neolítico inicial: o abrigo com pintura da Fraga d’Aia (S. João da Pesqueira), os abrigos com pinturas da Serra de Passos (Mirandela) e arte do Vale do Côa (Vila Nova de Foz Côa). (Sanches, 1999: 54)

- A cena iconográfica da Fraga d’Aia remete-nos para *uma possível cena de caça, onde surge uma personagem antropomórfica armada com um arco e um cervideo de longas hastes*, assim como outras figuras antropomórficas soltas e que se pensa estarem conectadas com a ocupação mais antiga do sítio. (Sanches, 2003: 169)
- Na Serra de Passos há também abrigos com iconografia que podem integrar esta fase do neolítico inicial, particularmente o painel I do abrigo 2 do Regato das Bouças, com 3 antropomorfos de cor vermelho sanguíneo, dos quais um parece armado com um arco e outro com um bastão, e o abrigo 3 do mesmo conjunto, com motivos geométrico-abstractos dentro das tonalidades amarela e laranja amarelada. (Sanches, 2003: 174)
- No Vale do rio Côa existe um conjunto de pinturas, localizados no sítio da Faia, que apresentam, a vermelho, dois quadrúpedes seminaturalistas num painel e um antropomorfo noutra, assim como alguns quadrúpedes (possíveis cabras), também seminaturalistas, e sinais esquemáticos que figuram, gravados, na Rocha 36 da Camada do Inferno. (Sanches, 2003: 160)

Durante a 1ª metade do IVº milénio a.C. expandem-se “santuários” ao ar livre de arte rupestre, dos quais salientamos os abrigos pintados de Penas Róias e da Serra de Passos ou o santuário de ar livre com gravuras do Tripé como exemplos da cha-

mada “arte esquemática” deste período. (S. O. Jorge, 2000: 85) Na região de Trás-os-Montes e Alto Douro encontramos dois tipos de sítios com arte rupestre:

- Abrigos com pinturas: os abrigos de Penas Róias (Mogadouro); os do Vale do Côa (Meda); Fraga d’Aia (S. João da Pesqueira), de Pala Pinta (Alijó), de Cachão da Rapa (Carrazeda), entre outros.
- Abrigos e rochas com gravuras: conjunto de abrigos de Atenor (Miranda do Douro), os abrigos de Fragas do Diabo (Vilarinho dos Galegos - Mogadouro), as rochas de Fraga dos Fusos (Sortes-Bragança), Pedra Escrita de Ridevides (Alfândega da Fé) e Vale da Casa (Pocinho, Vila Nova de Foz Côa), entre outros.

Os painéis pintados (de cor laranja, vermelho amarelo, preto e mesmo azul) ou gravados, têm predominantemente figuras esquemáticas e geométricas – rectângulos, quadrados, círculos, imagens solares; mas também aparecem, mais raramente, figuras humanas esquemáticas e figuras de animais (bois, cabras, veados). (Sanches, 1999: 58)

3.- Considerações finais.

Com este trabalho não pretendemos expor toda uma sequência narrativa da Pré-História Recente da Bacia Hidrográfica do Douro, procuramos somente enunciar algumas questões que se encontram em consideração no presente momento e que têm sido sublinhadas pelos investigadores da região em estudo. Tentámos sempre que possível evidenciar os tipos de sítios que vêm sendo caracterizados em cada uma das problemáticas expressas.

Foi no decorrer da consulta da base de dados de sítios arqueológicos do antigo IPA e na construção da nossa própria Base de Dados, que despertamos para a necessidade de sistematizar estas questões, referentes não só à variabilidade de sítios na Pré-História Recente, mas também à forma como estas tipologias e conceitos têm sido utilizados. Sabemos que existe uma grande variabilidade de *dados* e formas de *olhar* para esses *dados*, sendo que nesses *olhares* estão implícitas diferentes questões que se prendem tanto ao volume de informação disponível como também a posição teórica dos investigadores. É urgente uma revisão de conceitos e nomenclaturas, à luz de um novo “olhar” sobre a Pré-História Recente, os dados arqueológicos e a própria paisagem. A este propósito, refira-se que o estudo dos recintos do IIIº milénio apresenta uma linha de pesquisa cuja extensão a outros períodos se torna importante. Com efeito, o questionamento acerca do que é doméstico e ritual na Pré-História é um exercício fundamental, no sentido de tentar ver

no registo arqueológico modalidades de apropriação do espaço que não reproduzam apenas os pre-conceitos com que iniciámos a pesquisa.

Consideramos que ao abordarmos esta diversidade de sítios arqueológicos é necessária uma dupla e simultânea tarefa: estudar cada sítio, tentando visioná-lo, em primeiro lugar, na sua unicidade, mas também, tentar articulá-lo simultaneamente com outros lugares “contemporâneos” que, num dado espaço e tempo, fazem com ele sistema. A análise local/regional perfila-se como um procedimento básico indispensável para a compreensão da Pré-História Recente da Bacia Hidrográfica do Douro.

Por último, refira-se a importância em implementar a cooperação entre Portugal e Espanha ao nível da investigação arqueológica. Apesar dos múltiplos estudos que têm sido feitos na área em questão, não existe um trabalho

de síntese que abarque tanto o território português como o espanhol. Com efeito, o enfoque regionalista com que os investigadores têm trabalhado não lhes permite um equacionamento das questões da construção da paisagem a uma escala supra-regional, o que se considera de todo urgente e absolutamente essencial para a compreensão dos diversos fenómenos da Pré-História Recente.

4.- Agradecimentos.

Queria começar por agradecer aos organizadores deste congresso a oportunidade que me deram de apresentar este trabalho. A Susana Oliveira Jorge, minha orientadora de doutoramento, a sua disponibilidade na discussão de alguns dos pontos aqui abordados. A Sérgio Gomes e Ana Vale, meus colegas de doutoramento, a sua camaradagem e sugestões na produção deste texto.

5.- Bibliografia.

▪ Bibliografia citada.

DAVEAU, S.
1995 **Portugal Geográfico**, Ed. João Sá da Costa, Lisboa.

JORGE, S. O.
1990a Dos últimos Caçadores-Recolectores aos Primeiros Produtores de Alimentos, **Nova História de Portugal - Portugal: das origens à romanização**, Vol. I, Editorial Presença, Lisboa, pp. 81-101

1990b A consolidação do sistema agro-pastoril, **Nova História de Portugal - Portugal: das origens à romanização**, Vol. I, Editorial Presença, Lisboa, pp. 102-162.

2000 Problematizando a Pré-História Recente de Portugal (VI – II milénios a.C.), **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, Vol. 40 (3-4), SPAE, Porto, pp. 75-99.

2003 A Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Pré-História do Norte de Portugal: notas para a história da investigação dos últimos 25 anos, **Os Reinos Ibéricos na Idade Média. Livro de Homenagem ao Prof. Doutor Humberto Baquero Moreno**, Vol. III, Porto, Livraria Civilização, pp. 1453-1482.

JORGE, V.O.
1991 Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais, **Incursoes na Pré-História**, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, pp. 59-148

1983/84 Megalitismo do Norte de Portugal: um novo balanço, **Portugália**, Vol. 04-05, Porto, pp. 37-46

MONTEIRO-RODRIGUES, S.
2000 A estação neolítica do Prazo (Freixo de Numão – Norte de Portugal) no contexto do Neolítico antigo do Noroeste Peninsular. Algumas considerações preliminares, **Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica** - Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol. III, ADECAP, Porto, pp. 149 – 180.

RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S.
1988 **Geografia de Portugal – O Ritmo Climático e a Paisagem**, vol.2, Ed. João Sá da Costa, Lisboa, pp. 483-510

SANCHES, M. J.
1997 **Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro**, vol.1, SPAE, Porto.

1999 A arqueologia e o meio natural: o caso da implantação do sistema agro-pastoril em Trás-os-Montes e Alto Douro, **Arqueologia**, n.º 24, GEAP, Porto

2000 As gerações, a memória e a territorialização em Trás-os-Montes (V.º - II milénio a.C. Uma primeira aproximação ao problema, **Pré-História Recente da Península Ibérica** - Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol. IV, ADECAP, Porto, pp.121-145.

2003 Sobre a ocupação do neolítico inicial no Norte de Portugal, **Origens, Espaços e Contextos do Megalitismo** – Actas do 2º Colóquio Internacional sobre Megalitismo, IPA, Lisboa, pp. 155-179

▪ Bibliografia consultada.

CARVALHO, A. F.
1997 Os sítios de Quebradas e Quinta da Torrinha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico antigo do Baixo Côa, **Revista Portuguesa de Arqueologia**, 2T, IPA, Lisboa pp.39-70.

CRUZ, D. J.
1998 Expressões funerárias e culturais do Norte da Beira Alta (Vº - II milénios a.C.), **Estudos Pré-Históricos**, Vol. VI, Viseu. pp. 149-166

JORGE, S.O.
1986 **Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar**, 3 vols. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, Porto.

1998 Colónias, fortificações, lugares monumentalizados, Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular, **Arqueologia. Percursos e in-**

- 2003 **terrogações**, ADECAP, Porto, pp. 69-128.
- 2003 Pensar o espaço da Pré-história Recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica, **Recintos murados da Pré-História Recente**, DCTP (FLUP)/CEAUP (FCT), Porto/Coimbra.
- 2005 **O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais**, Edições Afrontamento, Porto.
- 2007 Formas de organização do espaço e técnicas de construção durante a Pré-História Recente: Introdução, **A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica** – Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Universidade do Algarve, Faro, pp.9-12.
- JORGE, S.O; BAPTISTA, L.; GOMES, S.; OLIVEIRA, L.; VARELA, J.; VELHO, G.
2007 A construção de um sítio arqueológico: Castelo velho de Freixo de Numão, **A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica** – Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Universidade do Algarve, Faro, pp. 77-85
- SANCHES, M. J
2000 Reflexões sobre o povoamento do Neolítico inicial do Norte de Portugal (VIº - IVº milénio a.C.); **Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica** - Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol. III, ADECAP, Porto pp. 181-201.

6.- Notas.

- 1 Lexicoteca - *Moderna Enciclopédia Universal*, Círculo de Leitores Lisboa, Tomo VII, 1984, p.56.
- 2 Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico
- 3 Ver Instituto Português de Arqueologia – Bases de Dados: Endovélico. Pesquisa de Sítios Arqueológicos. Disponível em: <http://www.ipa.min-cultura.pt> (A consulta pode ser efectuada por: período histórico, tipo de sítio, concelho, entre outros.)
- 4 Tinham sido inventariados os sítios arqueológicos do VIº ao IIIº milénios a.C. dos 36 concelhos que pertenciam à região de Trás-os-Montes e Alto Douro, assim como parte da região da Beira Alta; agora com a ampliação da área de estudo teremos de proceder à análise dos 18 concelhos em falta.
- 5 Ficou por analisar a região da Beira Alta cujo estudo ainda não foi desenvolvido pela autora deste artigo. De qualquer forma, gostaríamos de referir que nesta região, muito fecunda em sepulcros sob “tumulus”, têm sido desenvolvidos vários estudos por Domingos Cruz e sua equipa.
- 6 Estes sítios arqueológicos têm sido objecto de projectos de investigação desde os inícios das anos 90. Neste momento, Castelo Velho e Castro Palheiros continuam em fase de estudo embora possam já ser visitados. Castanheiro do Vento está em fase de escavação, podendo ser visitado durante as campanhas de Verão levadas a cabo por uma equipa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Para mais informação sobre estes sítios, consultar: <http://crastomurca.com.sapo.pt/> e <http://architectures.home.sapo.pt/>